



UFSM

Monografia de Especialização

O PERFIL DOS ALUNOS QUE BUSCAM OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neila Teresinha Dias Fagundes Linhares

UFSM/CE/NAEES

Santa Maria, RS, Brasil.

2005

O PERFIL DOS ALUNOS QUE BUSCAM OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Por

Neila Teresinha Dias Fagundes Linhares

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional.

UFSM/CE/NAEES

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia

**O PERFIL DOS ALUNOS QUE BUSCAM OS CURSOS DE
EDUCAÇÃO DE JOVEN E ADULTOS.**

elaborada por
Neila Terezinha Dias Fagundes Linhares

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Ms. Claudio E. G. Dutra
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Clóvis Renan Guterrez

Prof. Esp. José Luiz Padilha Damilano

Santa Maria, 17 de março de 2005.

“Na origem de todas as grandes obras, houve fermentação de sonhos, projetos e aspirações. Houve uma dedicação apaixonada àquilo que não existia, para que chegasse a existir.

Houve intuição de possibilidades inéditas que lançam furiosamente para o futuro.

Não basta ter grandes desejos para realizá-los, ninguém realiza grandes obras sem ter tido grandes desejos.”

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Desde o início de minha caminhada tu estavas comigo, dias e noites se passaram, vitórias conquistei, derrotas foram superadas, amizades foram criadas, conhecimentos foram adquiridos... E agora que alcancei meu objetivo, vim te louvar, te agradecer humildemente, o amor, a felicidade, enfim a vitória deste momento. Obrigado, Senhor!

AOS ORIENTADORES

Ao meu orientador Claudio E. G. Dutra pelo exemplo de pessoa que és, por me dedicar seu tempo e experiência, pelas trocas de aprendizagem, pela compreensão, paciência, carinho e amizade que tiveste comigo. A minha eterna gratidão.

Aos demais mestres que tiveram enorme significado para mim. Aos que tiveram algum significado. Aos que ganharam significados. Pois, percebi como uma semente germina ao longo do tempo, senti o sopro do vento das Colinas de Conquistas e fui levada a meditar sobre o papel silencioso de educadores desconhecidos.

Sou grata à Universidade Federal de Santa Maria, por permitir a oportunidade de fazer parte de um Pós, de boa qualidade, tão necessário nas escolas e na sociedade em geral.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	x
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
2.1 História da Alfabetização de Jovens e Adultos.....	4
2.2 Educação de Jovens e Adultos na Legislação Brasileira.....	7
2.3 Caracterização da EJA.....	13
2.4 Currículo e Práticas Educativas.....	14
2.5 Ação do Educador.....	20
3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
3.1 População Alvo.....	25
3.2 Caracterização da Escola.....	26
3.3 Instrumento de Coleta de Dados.....	28
3.4 Análise de Dados.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35

BIBLIOGRAFIA.....	40
ANEXO: Entrevista.....	42

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

O PERFIL DOS ALUNOS QUE BUSCAM OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autora: Neila Teresinha Dias Fagundes Linhares

Orientador: Claudio E. G. Dutra

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 17 de março de 2005.

Este trabalho investiga qual o perfil dos alunos que procuram os cursos de Educação de Jovens e Adultos. Percebe-se a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos dias atuais, tendo em vista o grande número de pessoas que ficaram afastadas da escola e voltaram amadurecidas buscando conhecimento a fim de aprender e recuperar o tempo perdido. O papel social da escola passa, obrigatoriamente, pelas conquistas da sociedade civil organizada, expressa na Constituição Federal de 1988 que a “educação é direito de todos e dever do Estado e da família...” Trata-se de uma pesquisa descritiva tendo como método de abordagem o estudo de caso, pois este, retrata a realidade de forma completa e profunda. Com este trabalho constatei que os alunos hoje, de acordo com as necessidades, voltam para sala de aula com vontade, pois sabem da importância do estudo para suas vidas revelando que grandes são suas expectativas. A escola e os educadores devem propiciar o conhecimento da realidade, tornando transparente a ideologia dominante, tornando o homem um cidadão. Busquei fazer um trabalho dinâmico, sempre primando pelos interesses e necessidades dos alunos para que realmente se tornem cidadãos atuantes.

ABSTRACT

Monograph of Specialization

Program of Masters Degree in Educational Administration

Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

**O PERFIL DOS ALUNOS QUE BUSCAM OS CURSOS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

(THE STUDENTS PROFILE WHO SEARCH FOR YOUNGS AND ADULTS
EDUCATIONAL COURSES)

Author: Neila Teresinha Dias Fagundes Linhares

Orientater: Teacher Ms. Claudio E. G. Dutra

Date and Local of the Defense: Santa Maria, March, 17, 2005.

This present work shows the students profile who search for youngs and adults educational courses. Nowadays, we notice the importance of youngs and adults education, as many of them have been away from school for quite a long time and therefor are now mature enough to search for knowledge in order to make up the time lost. The school social role is, of course, an organized civil society achievement which express the Federal Constitution of 1988 that says that “education is the right of all the duty of the state and de family.” It’s about a descreptive research that has a round about method in which portrair a reality in a complete and deep was. It was possible to understand with in this study that the students nowadays act according to their necessities, come back to school class with willness because they know the importance of the study for their lives that revels their great expectations. Both school and educational society must give a reality knowledge to make the dominant ideology clearly enough to raise a citizen man. I’ve tried to make a dynamic work in order to look for the interests and necessities of the students who really want to be action citizens.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNE – Plano Nacional da Educação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação de Ciências e Cultura

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu da necessidade de investigar novas alternativas para melhor incentivar e motivar os jovens à continuarem seus estudos. O interesse por este estudo se originou de minha experiência com alunos do curso noturno. Por este motivo resolvi investigar o perfil dos alunos que procuram o curso de Educação de Jovens e Adultos, procurando incentivá-los à freqüentar o ensino noturno, onde será possível conviver com pessoas de suas mesmas faixas etárias, que retornam por motivos semelhantes, havendo trocas de experiências enriquecedoras e crescimento como cidadãos.

A Educação de Jovens e Adultos está na pauta das discussões e têm-se buscado refletir o papel essencial que esta desempenha no desenvolvimento do ser humano e da sociedade.

Esta reflexão ampliou-se nos últimos anos apontando a necessidade de construir uma escola que promova a identidade dos sujeitos que dela participam, a população de alunos cuja experiência na educação regular foi negada ou frustrada por falta de condições em freqüentar a escola em tempo regular. O processo de escolarização de jovens e adultos deve representar uma contribuição para o resgate da dignidade e construção da cidadania crítica e participativa.

A Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos (MEC, 2002) ressalta que a educação pode contribuir para que as pessoas se acomodem ao mundo em que vivem ou se envolvam na transformação dele; assim a educação será conservadora ou transformadora da realidade. Para Freire, quando o professor não tem clareza sobre a quem está servindo ou opta

pela neutralidade está, mesmo que inconscientemente, optando por um dos lados, nesse caso pela conservação. Ao optar por uma educação transformadora, ele deve ser essencialmente problematizador, pressupondo criatividade e reflexão sobre a realidade, de modo a assumir o compromisso com sua mudança.

Nesse contexto busca-se inserir a discussão para o ensino de jovens e adultos, pois do ponto de vista social as pessoas que não tiveram acesso à escola para completar a escolarização não têm condições de acompanhar a evolução social ficando à margem, sem capacidade de plena participação e transformação na sociedade atual, pois a escola é o espaço de uma educação transformadora, onde os sujeitos se envolvem na mudança com possibilidade de interação e formação.

O objetivo ao realizar-se a pesquisa foi analisar o perfil dos alunos que buscam a Educação de Jovens e Adultos. A procura dos jovens e adultos pela escolaridade hoje impressiona pela necessidade do aumento de vagas e nos coloca frente à algumas questões como o desemprego que é um dos principais motivos que levam estes educandos à procurar a escola.

No primeiro momento lançou-se o problema e os objetivos que nos levaram à esta construção. A seguir partiu-se para um aprofundamento do tema através de leitura e da construção do referencial teórico que nos possibilitou um estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos e finalmente realizamos a pesquisa com os alunos e estabelecemos relações com a teoria, o que nos deu os resultados para a conclusão deste trabalho.

Considerando a realidade existente e sentindo necessidade de um aprofundamento nos estudos onde se possa constatar os fatores que influenciam os jovens e adultos a voltar à escola, foi feito um referencial

teórico pensando a Educação para Jovens e Adultos e considerando a realidade existente, fez-se um aprofundamento nos estudos para constatar os fatores que levam esta clientela à procurar a escola. Diante dessas expectativas de melhoria de condições de vida, conseguindo assim empregos melhores.

O primeiro capítulo refere-se à história da Alfabetização de Jovens e Adultos, pois a educação básica de Jovens e Adultos está delineando seu lugar na história da educação no Brasil. No segundo capítulo aborda-se a EJA na Legislação Brasileira com relação ao Rio Grande do Sul como está assegurada na Constituição, no Parecer, na Resolução e na LDB. Logo após, é feita a caracterização da EJA analisando-se o perfil dos educandos e da comunidade, com sua diversidade sociocultural, de valores, gênero, etnias, idades e ritmos de socialização e aprendizagem. A seguir, procura-se definir o Currículo e as Práticas Educativas com a finalidade de organizar o tempo e o espaço de ensinar e aprender socialmente, definindo novos compromissos. Também procura-se refletir a ação do educador, buscando dimensões no trabalho educativo da escola, a fim de compreender que a centralidade do currículo ou do ambiente educativo de uma escola está na ação praticada por seus educadores e educandos.

No capítulo seguinte, trata-se da metodologia aplicada, da população alvo, da caracterização da Escola, da coleta e análise de dados e concluindo que o ensino noturno para Jovens e Adultos trabalhadores surge como alternativa para suprir as falhas do sistema educacional, vê-se na educação o grande caminho para tratar a desigualdade, inserindo na sociedade aqueles que não foram favorecidos e dando-lhes condições de viver a cidadania dignamente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História da Alfabetização de Jovens e Adultos

A educação básica de Jovens e Adultos já está delineando seu lugar na história da educação no Brasil, especialmente a partir da década de trinta. A apresentação desta linha de tempo faz um destaque na trajetória de Paulo Freire e no seu ideário: a Educação Popular.

A maneira de ver historicamente a realidade dos jovens e adultos reconstitui diferentes momentos percorridos pela Educação de Jovens e Adultos, relacionando as suas concepções aos acontecimentos traçados pela trajetória histórica da educação no Brasil.

As críticas aos métodos de alfabetização da população adulta, por sua inadequação à clientela bem como pela superficialidade do aprendizado no curto período de alfabetização remetem a uma nova pedagogia de alfabetização de adultos que tem como principal referência o educador Paulo Freire.

Na primeira campanha da Alfabetização foi criado o MOBREAL enquanto uma estratégia do governo militar para desmobilizar os trabalhos de alfabetização freirianos espalhados pelo Brasil, ficando situada a educação popular no final dos anos 50.

O Golpe Militar de 1964 causou a ruptura nesse trabalho de alfabetização que vinha sendo realizado exatamente pela sua ação conscientizadora, até que em 1967 foi lançado o MOBREAL (Movimento Brasileiro da Alfabetização). A atuação do MOBREAL, inicialmente se estendia a população analfabeta entre 15 e 30 anos.

O MOBRAL objetivou sua atuação em termos de “alfabetização funcional”, definindo que ela deveria visar a valorização do ser humano, pela aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculos, pelo aperfeiçoamento dos processos de vida e trabalho, e pela integração social desse homem através de seu reajustamento familiar e à comunidade local.

Durante a década de 70, houve a expansão do MOBRAL, tanto do ponto de vista territorial quanto do ponto de vista de continuidade de estudos através da educação integrada (conclusão do antigo primário) para os recém alfabetizados e para os alfabetizados funcionais que usavam precariamente a leitura e a escrita. Paralelamente, grupos que atuavam na educação popular continuaram a alfabetização de adultos dentro da linha mais criativa de Freire.

O MOBRAL acabou sendo extinto em 1985, e em lugar surgiu a Fundação Educar, que abriu mão de executar diretamente os programas, passando a apoiar, financeira e tecnicamente, as iniciativas de Governo, Entidades Cívicas e Empresas a ela conveniadas.

Esse novo paradigma pedagógico, segundo Paiva (1973) se pautou num novo entendimento da relação entre a problemática social. Antes apontada como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passa a ser interpretado como um efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária. Na percepção de Freire:

Os conceitos de alfabetização e educação estão muito próximos para não dizer que se confundem [...] alfabetização é mais que simples domínio mecânico de técnicas em termos conscientes [...] implica uma auto formação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre o seu contexto. Por isso alfabetização não se

pode fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto apenas ajustado pelo educador. (1989, p. 72)

O pensamento pedagógico de Freire (1999), assim como sua proposta para a alfabetização de adultos inspira os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país. A dificuldade de efetivação da Educação de Jovens e Adultos dentro de um padrão de qualidade está mais na questão metodológica, ai incluindo-se o problema de formação inicial e continuada dos professores e a falta de material didático-pedagógico adequado, do que nos objetivos de ensino, uma vez que estes são propostos segundo o nível e, portanto, abstraídos da clientela a que se destinam.

De acordo com Gadotti (2000), que afirma que os jovens e adultos lutam para superar suas condições de vida, que estão na raiz do problema de analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o seu processo de alfabetização. Sabe-se que um grande contingente de pessoas maiores de quatorze anos, que não completaram quatro anos de escolaridade, constitui o público potencial dos cursos de Educação de Jovens e Adultos.

Nas propostas de Freire (1999), o processo educativo não se caracteriza pelo recebimento, por parte dos alunos, de conhecimentos prontos, acabados, mas para a reflexão sobre os conhecimentos que circulam e estão em constante transformação. Professores e alunos são produtores de cultura, todos aprendem e todos ensinam, são sujeitos da educação e estão permanentemente em processo de aprendizagem.

Segundo Freire (1999), é preciso que a educação esteja em seu contexto, em seus programas e em seus métodos, adaptados ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar ao seu sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relação de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Ao longo da história da educação temos percebido que com frequência, a grande maioria da população enfrenta grandes dificuldades no percurso da escolarização.

Podemos concluir com o pensamento de Mool que diz:

É preciso romper com a lógica tradicional da Escola, bem como enfrentar as exigências impostas pelo capitalismo para a escolaridade de jovens e adultos, retomando velhas questões filosóficas acerca do tipo de homem e de sociedade que se quer, podem apresentar-se como elementos descontinuadores e ao mesmo tempo, constituidores de novas perspectivas nesse campo. (1999, p. 04)

A Educação de Jovens e Adultos deve contemplar as expectativas e os objetivos de uma vida melhor, pessoal e profissional, incorporando o conhecimento e o mundo do trabalho, à sua valorização e formação para a vivência democrática em sociedade, pois a não especificidade do grupo que busca os cursos de formação de EJA dificultam a prática docente.

2.2 Educação de Jovens e Adultos na Legislação Brasileira

Com relação ao Rio Grande do Sul, a EJA está assegurada na Constituição Estadual, inicialmente, no Capítulo II, Seção I, Artigo 196.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, baseada na justiça social, na democracia e no respeito aos

direitos humanos, ao meio ambiente e aos valores culturais, visa ao desenvolvimento do educando como pessoa e à sua qualificação para o trabalho e o exercício da cidadania. (1998, p. 12)

No artigo 199, inciso I, a EJA é especificada, pois o Estado deve “garantir o ensino fundamental, público, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade própria”.

A Lei Estadual prevê, também, no artigo 208, inciso I, um plano de educação, de duração plurianual, para entre outras questões, a ‘erradicação do analfabetismo’.

Durante o ano de 1999, o Conselho Estadual de Educação discutiu a regulamentação da LDB/96 no que concerne à EJA e, apesar de discordarmos da redação do subitem 2.1, letra ‘a’, pois iniciativas voltadas para a alfabetização de jovens e adultos correspondentes aos quatro anos iniciais no ensino fundamental comprometem a qualidade das ações alfabetizadoras, uma vez que sua oferta passa a ser livre, portanto, sem controle do Conselho ou da Secretaria de Educação, ressaltamos que o Parecer n° 774/99 assume a EJA como direito, deixando clara a sua posição sobre as Suplências.

É imprescindível, de uma vez por todas, eliminar de seus projetos pedagógicos qualquer indício, por mínimo que seja, de que o ensino fundamental e o ensino médio para jovens e adultos é ensino de segunda categoria, onde qualquer espaço físico com um mínimo de recursos didáticos pode transformar-se em ambiente pedagógico. (Parecer n° 774/99, p. 13)

Segundo a Política Pública de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul (2000), no plano legislativo anterior a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional, LDB 5692/71, elaborada pelo governo militar, deu resposta ao grande movimento da década antecedente, capitaneada pelo pensamento freireano e pelos movimentos de cultura popular, com implantação do Ensino Supletivo, ampliando o direito a escolarização daqueles que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência.

Essa lei estabeleceu, pela primeira vez, um capítulo específico para a Educação de Jovens e Adultos, o capítulo IV, sobre o Ensino Supletivo. Embora limitasse o dever do Estado a faixa etária de 7 a 14 anos, reconhecia a educação de adultos como direito à cidadania.

Com a Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, o dever do Estado com a educação de jovens e adultos é ampliado ao se determinar a garantia de ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive sua oferta para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Assim sendo, o desafio da Educação de Jovens e Adultos nos anos 90 é o estabelecimento de uma política e de metodologias criativas, com a finalidade de garantir aos adultos analfabetos e a jovens que tiveram passagem fracassada pelas escolas, possibilidades de participação mais ativa no universo profissional, político e cultural.

O desafio torna-se maior quando se pensa que o acesso cultural letrado não significa em qualquer hipótese ignorar a cultura e os saberes que os jovens e adultos trazem como bagagem às perspectivas que eles tem em relação à educação.

A realidade hoje encontrada não é muito diferente dos tempos anteriores, uma vez que a educação dos trabalhadores sempre ocupou

destaque quando os governantes do país necessitavam, por exemplo, de mão-de-obra qualificada.

Cabe ainda evidenciar alguns pontos importantes sobre o tratamento dado pela LDB/96, no que se refere à Educação de Jovens e Adultos. Em seu artigo 3º a lei traz, dentre os princípios que devem servir de base ao ensino, “[...], a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola [...], pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, [...] garantia de padrão de qualidade, [...] vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”.

Embora a LDB/96 tenha dedicado uma seção para a Educação de Jovens e Adultos com apenas dois artigos, desprovidos de aprofundamento em relação ao tema, considerando-se que trata de uma modalidade de ensino e conseqüentemente perpassa a educação básica, entende-se que principalmente os artigos 2º, 4º e 5º tratam essa educação sob o ponto de vista do ensino fundamental, o que é sem dúvida, um ganho em relação a LDB anterior.

Se desejamos que desenvolvam novas formas de raciocínio, que se interessem pelos fatos do mundo, que transformem algo de si, melhorando a sua vida e a da comunidade, então devemos pensar num novo modo de alfabetizar. Devemos pensar uma alfabetização que incentive a criatividade, o raciocínio o desejo de aprender e a responsabilidade com o auto-desenvolvimento e com o desenvolvimento social.

Conforme Antunes (1998), durante muito tempo confundiu-se ‘ensinar’ com transmitir e, nesse contexto o aluno era um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor não necessariamente presente nas necessidades do aluno.

Acreditava-se que toda a aprendizagem ocorria pela repetição e que os alunos que não aprendiam eram responsáveis por esta deficiência e, portanto, merecedores do castigo da reprovação.

A reprovação em grande parte dos casos gerava evasão, pois as pessoas se sentiam incapazes de completar a escolarização, onde mais tarde vieram procurar a Educação de Jovens e Adultos para que pudessem sentir-se um ser social.

A Educação de Jovens e Adultos já está delineando seu lugar na História da Educação no Brasil. A seguir, o assunto nos remete a memória das últimas quatro décadas e nos chama a atenção para o presente, a realidade dos jovens e adultos.

Segundo Cunha (1999), a denominação “educação de jovens e adultos” é recente no país. Desde o Brasil-colônia, quando se falava de educação para a população não infantil, fazia-se referência apenas a população adulta que também necessitava ser doutrinada e iniciada nas ‘coisas da fé’. Como se pode perceber, havia um caráter mais religioso do que educacional.

Há que se ressaltar a fragilidade da educação ou do sistema de educação naquele período considerando que a educação não era responsável pelo aumento da produtividade, pois esta se dava a partir do número de escravos, o que refletia descaso dos dirigentes com a educação.

Sem enveredar pelo conceito de educação de adultos como sendo aquela que deve ser oferecida ao povo, entendendo por povo todas as camadas da sociedade ou “aquela destinada às camadas populares da sociedade”, o fato é que de início, a educação dos adultos está tratada no conjunto. Ela é parte da educação popular, pois a educação elementar

inclui as escolas noturnas para adultos que durante muito tempo foram a única forma de educação para essa faixa etária, praticada no país.

Por sua vez, o desenvolvimento industrial brasileiro contribui para avaliação da educação de adultos sob ponto de vista diferente. Havia os que entendiam como domínio da língua falada e escrita visando o domínio das técnicas de produção, outros como instrumento de ascensão social, outros ainda, como meio de progresso do país e, principalmente, aqueles que viam como ampliação da base de votos.

Paiva (1983), coloca que em 1940, frente aos altos índices de analfabetismo no país, a educação passa a ter relevância e uma certa independência, a partir da criação de um fundo destinado à alfabetização da população adulta analfabeta.

Em 1945, há um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos e, com a criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação de Ciências e Cultura), solicitam-se aos países integrantes, esforços no sentido de se educar a população adulta analfabeta.

Era inegável politicamente a necessidade de se ampliar as bases eleitorais para sustentar o governo central, integrar as massas populacionais de imigração recente e também incrementar a produção. A identidade de educação de adultos toma seus contornos ao ser proposta uma campanha de educação de adultos, em 1947, na qual, numa primeira etapa de três meses, previa-se a alfabetização e depois a importância da implementação do curso em duas etapas de sete meses cada uma. Posteriormente se constituiria em capacitação profissional e desenvolvimento comunitário.

2.3 Caracterização da EJA

A Educação de Jovens e Adultos tem uma história muito mais tensa do que a história da Educação Básica. Nela se cruzaram e se cruzam interesses menos consensuais do que a educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, subempregados, onde as políticas educacionais, influenciadas por modelos econômicos, marcaram as verdadeiras razões que afastam estes indivíduos da escola, bem como descrevem esta modalidade de ensino como solução qualitativa de melhoria de vida.

O Ministério da Educação tem como uma de suas metas prioritárias assegurar a todos os brasileiros de 15 anos e mais que não tiveram acesso à escola ou dela foram excluídos precocemente, o ingresso, a permanência e a conclusão do ensino fundamental com qualidade.

Ao analisarmos o perfil dos(as) educandos(as) das comunidades que possuem uma diversidade sociocultural, de valores, de gênero, de etnia, de idades e de ritmos de socialização e aprendizagem, dentro desta heterogeneidade, há educandos(as) com vivências diferenciadas no mundo de trabalho, na responsabilidades familiares, excluídos da alfabetização. A EJA, ao longo da História da Educação, caracterizou-se por um modelo de suplência e de alfabetização com caráter eminentemente compensatório, na maioria das vezes, com o único objetivo de preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho. Constituía-se em uma educação modular, fragmentada e conteudista, contribuindo para a manutenção da subescolarização das pessoas e para a ampliação da demanda de EJA.

A EJA mais que ir além da Educação Formal, deve incorporar as práticas e os saberes construídos no cotidiano, assumindo a educação não-formal, quase sempre desenvolvida nos movimentos populares e organizações sociais.

2.4 Currículo e Práticas Educativas

A Educação de Jovens e Adultos deve ser pensada, definindo novos compromissos para a organização dos tempos e espaços de ensinar e aprender socialmente. Ela implica que sua elaboração e prática sejam concretizadas em processos educativos que correspondam às finalidades sócio-educativas derivadas da realidade social e do desenvolvimento científico-tecnológico.

Segundo Veiga (1995), currículo é a construção social do conhecimento pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive. A transmissão do conhecimento produzido e as formas de assimilá-lo, portanto, a produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido o currículo refere-se a organização do conhecimento escolar.

Para Assmann (1999), os paradigmas epistemológicos facultam que a realidade seja aprendida de diferentes formas e leituras. É fundamental que tenhamos consciência desses paradigmas, pois eles constituem as janelas e modelizações através das quais acessamos e rotulamos o mundo, ou seja, são verdadeiros filhos de acesso na construção da realidade. Estes novos paradigmas estão de tal modo presentes hoje que a exclusão e a inclusão na

sociedade atual passou a depender, como jamais acontecerá da persistência de aprender a aprender.

Levando em conta, que vivemos hoje um momento de forte expansão das políticas neo-liberais, marcados pela globalização, com conseqüente exclusão e competitividade, buscamos em Assmann (1999) um possível caminho para que a escola possa bem desempenhar a sua função: articular competência técnica com compromisso político.

O currículo da escola está baseado na cultura dominante, se expressa na linguagem dominante, é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender este código, pois durante toda a sua vida elas estiveram imersas, o tempo todo nele. Este é natural para elas, sentem-se a vontade no clima cultural e afetivo construído por este código.

Esse código funciona como uma linguagem de estratégias, e é incompreensível para os alunos que procuram a EJA, pois estes são trabalhadores e maduros, diferentes dos alunos presentes nos anos adequados a faixa etária. A vivência familiar das crianças e jovens das classes dominadas não se acostumam a este código. O resultado é que as crianças e jovens das classes dominantes são bem sucedidas na escola, o que lhes permite o acesso aos graus superiores do sistema educacional. As crianças e jovens das classes dominadas, em troca, só podem encarar o fracasso, ficando pelo caminho.

As crianças e jovens das classes dominadas tem sua cultura desvalorizada, ao mesmo tempo em que seu capital cultural, já inicialmente baixo ou nulo, não sofre qualquer aumento ou valorização. Completa-se o ciclo da reprodução cultural. É essencialmente através dessa reprodução

cultural, por sua vez, que as classes sociais se mantêm tal como existem garantindo o processo de reprodução cultural.

De acordo com Bordieu & Passeron (1975) propõe, através do conceito de pedagogia racional, que os educandos de classes dominadas tenham uma educação que lhes possibilite ter na escola a mesma imersão duradoura na cultura dominante que faz parte da família de classe dominante e das experiências dos educandos dessas classes.

Fundamentalmente, sua proposta pedagógica consiste em advogar uma pedagogia e um currículo que reproduzam, nas escolas, para os educandos das classes dominadas, aquelas condições que apenas os das classes dominantes tem na família.

A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social. (SILVA, 1999, p. 54)

A alfabetização e a educação de base de adultos deveriam partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação da origem de seus problemas e da possibilidade de superá-los.

Segundo Libâneo (1994), os adolescentes e adultos procuram a escola, inicialmente, motivados pela expectativa de conseguir um emprego melhor, ou então são levados pelo desejo de elevação da auto-estima, da independência e da melhoria de sua vida pessoal, como, por exemplo, dar bons exemplos aos filhos, ajudá-los nas suas tarefas escolares, etc.

Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola pelo jovem e adulto é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano e ser social.

De acordo com a Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos – MEC (2000) o currículo a ser desenvolvido pelos educadores deve estar em sintonia com as necessidades e objetivos específicos de seus programas, pois os jovens e adultos retornam à escola com a perspectiva de aprender para conseguir um emprego melhor, mas este currículo não está de acordo com o anseio dos educandos. A Educação de Jovens e Adultos corresponde a esse nível de ensino, caracteriza-se não só pela diversidade do público que atende e dos contextos em que se realiza como pela variedade dos modelos de organização dos programas, mais ou menos formais, mais ou menos extensivo. A legislação educacional é bastante aberta quanto à carga horária, à duração e os componentes curriculares desses cursos.

Considerando positiva esta flexibilidade, é possível optar por uma proposta curricular que avança no detalhamento de conteúdos e objetivos educativos, mas que permite uma variedade grande de combinações, ênfases, supressões, complementos e formas de concretização.

Como qualquer proposta curricular, esta não surge do nada, sua principal fonte são as práticas educativas que se pretende generalizar, aperfeiçoar ou transformar. A Educação de Jovens Adultos mesmo depois de toda a produção construída ao longo dos últimos dez anos (1994 – 2004), ainda padece dos males da suplência, uma vez que esta é a marca registrada nas experiências brasileiras desenvolvidas em todos os cantos do país.

A Lei 5692/71 criou a suplência, que é a implantação do Ensino Supletivo, ampliando o direito à escolarização daqueles que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência. Na nova Lei 9394/96 a Educação de Jovens e Adultos permanece em segunda categoria visto as condições que são oferecidas. Por isso, na Política Pública de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul (2000), são propostas outras formas de pensar o currículo em Educação de Jovens e Adultos, definindo novos compromissos para a organização do tempo e espaços de ensinar e aprender.

O currículo da Educação de Jovens e Adultos tem compromisso com a vida, com a realidade e com os interesses dos educandos.

Para Silva em “Documento de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo” (1999) na perspectiva de Paulo Freire (1989, p. 45) é a própria experiência dos educandos que se torna fonte primária de busca dos “Temas Significativos” ou “Temas Geradores” que vão construir o conteúdo programático do currículo do Programa de Educação de Jovens e Adultos. Freire não nega o papel dos especialistas que, interdisciplinarmente, devem programar esses temas em unidades programáticas, mas com “conteúdo” é sempre resultado de uma pesquisa no universo experimental dos próprios educandos, os quais são também ativamente envolvidos nesta pesquisa.

A comunidade escolar deve se organizar para compreender esta diversidade que existe, dialogando com a multiplicidade de características, tendo assim um compromisso com a justiça social e com o respeito às diferenças.

Um currículo crítico, democrático e transformador, que parte da realidade do educando, levará ao ato de aprender, com respeito à valorização das experiências e saberes construídos no cotidiano, em que os mesmos são o centro do processo. Os conteúdos básicos da escola se articulam com a vida para problematizá-los e recriá-los, garantindo uma aprendizagem contínua e de qualidade social.

A construção da identidade é outro compromisso importante da Educação de Jovens e Adultos e caracteriza-se na organização curricular, pois é neste momento que marcamos os tempos e os espaços de ensinar e aprender, em que a diversidade apresentada pelo grupo aponta-nos a construção de um currículo flexível, mas com a garantia de qualidade pedagógica assegurando a articulação entre os saberes vividos e escolares. Deverá a escola, na marcação dos tempos e espaços, levar em consideração as riquezas das dimensões formadoras da vida adulta em todos os seus domínios e o conhecimento escolar, respeitando os saberes e a história pessoal e coletiva e a identidade dessa população.

Qualquer projeto de educação fundamental orienta-se, implícita ou explicitamente, por concepções de pessoas e de sociedade que se considera desejável, por julgamento sobre quais elementos da cultura são mais valiosos e essenciais. O currículo é o lugar onde esses princípios gerais devem ser explicitados e sistematizados em objetivos que orientam a ação educativa. A elaboração de currículo baseada nessas indicações, inevitavelmente genérica, exigirá dos educadores o esforço de complementá-lo com análises de seus contextos específicos a partir dos quais poderão formular de modo mais precioso seus objetivos.

2.5 Ação do Educador

A partir de reflexões das dimensões do trabalho educativo da escola, podemos compreender que a centralidade do currículo ou do ambiente educativo de uma escola está nas ações praticadas por seus educadores e educandos. Em outras palavras, isto quer dizer olhar para a escola ou pensar o planejamento pedagógico como um lugar de práticas de atividades diversas, capazes de dar conta do processo de formação humana, onde os educadores sejam comprometidos com a aprendizagem do educando, com as suas causas sociais e humanas que valem nossa vida.

De acordo com Luckesi (1996, p. 52) tanto do ponto de vista do sistema educativo (Governos Federal, Estadual e Municipal) quanto do educador “é preciso estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva individual e coletivamente (sendo assim um princípio político-social importante da atividade educativa escolar)”.

Pode-se dizer que é óbvio que o objetivo da ação educativa, seja ela qual for, é ter interesse em que o educando aprenda e se desenvolva individual e coletivamente. Todavia essa objetividade esbarra nas manifestações, tanto do desempenho do sistema educativo, quanto da conduta individual dos professores. Os dados estatísticos educacionais do País bem como a conduta individual dos professores demonstra que nem sempre esse objetivo tem sido perseguido.

O educador de jovens e adultos precisa de algumas qualidades essenciais em sua ação na sala de aula, como a capacidade de solidarizar-se com os educandos, disposição para encarar desafios desestimulantes, a confiança na capacidade de todos de aprender e ensinar. Coerente a isso

são as características e problemas de seu entorno próximo, suas necessidades de aprendizagem. E para responder a essas necessidades, esse educador terá de buscar conhecer cada vez melhor os conteúdos a serem ensinados, atualizar-se constantemente, refletir sua prática buscando meios para aperfeiçoá-lo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), o professor deve ter sempre em mente que o seu papel é o de agente de transformação social e como tal pode, pela educação, combater, no plano das atitudes a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais.

Cabe ao professor construir relações de confiança para que o aluno possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser social. A manifestação de características sociais que este aluno venha a partilhar com o seu grupo de origem pode ser trabalhada como parte de suas circunstâncias de vida. Cabe ao professor, ainda reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, buscando superar as discriminações, consciente de que estará atuando sobre um dos mecanismos de exclusão e cumprindo uma tarefa essencial para a promoção da cidadania.

De acordo com Política Pública de Educação de Jovens e Adultos do RS (2000) em nossas práticas educativas denominamos restritamente de avaliação a elaboração de provas e por vez alguns trabalhos são considerados uma vez que essas estratégias são compatíveis com aquilo que é esperado e exigido pela sociedade competitiva, seletiva e excludente. Provas implicam exercermos julgamentos escolhendo o certo e eliminando o errado, em que o primeiro é declarado como sucesso; o segundo como

fracasso, ambos conceitos classificatórios que são reforçados pelo modelo neo-liberal.

Conforme enfatizado por Luckesi (1996) algumas idéias estariam na base desse tipo de concepção, que reduz a avaliação a uma classificação. A primeira dessas idéias é a noção de que todos estariam em iguais condições de aprender e que a avaliação seria um mecanismo para realizar a premiação daqueles que mais se dedicaram e a punição dos que não se empenharam o suficiente.

Para Canen (1999) uma segunda concepção seria a de que o processo de ensino e aprendizagem dá-se por intermédio da memorização de conteúdos pré-estabelecidos sendo a avaliação um momento final para “checar” sua assimilação. Nesse caso ignora-se a necessidade de construção do conhecimento por meio do diálogo entre educadores e educandos, no dia a dia da escola, e da importância da avaliação no desenrolar desse diálogo. Os indicadores do sucesso e do fracasso, geralmente caracterizados por objetivos específicos e mensuráveis tornam-se parâmetros avaliativos excludentes, massacrando inúmeros educandos que tentam incessantemente cumprir com os procedimentos planejados pela escola.

O número de reprovações e evasões é crescente, por isso é fundamental nos questionarmos sobre os motivos do fracasso, sem deixar de levar em consideração que no processo de avaliação classificatória os aspectos quantitativos são mais valorizados que os qualitativos.

A avaliação foi, e na maioria dos casos continua a ser instrumento de poder dos professores quando decidem os rumos dos educandos. Se por um lado, é verdade que reorganizar os tempos de ensinar e aprender em

educação de jovens e adultos é um desafio; por outro, redimensionar a avaliação passa a ser estratégico, pois caso contrário, todos os currículos ocupariam o lugar do senso comum ou do discurso simplesmente teórico.

O caráter classificatório atribuído às práticas educativas não tem como assumir um currículo que pressuponha as duas dimensões de tempos colocados no currículo, no tempo e espaço da escola e do educando. Com base nesses pressupostos, essa concepção rompe com o paradigma da avaliação classificatória, remetendo-nos a uma avaliação libertadora diagnóstica e participativa, cujo pressuposto é o processo educativo e o sujeito em sua totalidade.

O educador deve avaliar ao longo de todo o processo, tanto a dinâmica geral do grupo, que vai lhe dar indicações quanto à necessidade de modificar as linhas gerais de seu planejamento, quanto ao desempenho de cada um de seus alunos, o que pode lhe indicar a necessidade de criar estratégias pontuais ou dirigida a alunos específicos.

Cabe aqui enfatizar a importância de os educandos jovens e adultos participarem da avaliação contínua de suas aprendizagens de modo a ganhar mais consciência e controle sobre seus conhecimentos, sobre suas próprias atividades. O educador deve cuidar para não reforçar os erros ou as ignorâncias dos educandos, mas também tornar evidente para eles tudo o que já conseguiram aprender.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Considerando o presente trabalho sobre A Escolarização de Jovens e Adultos vamos avaliar o objetivo geral: identificar os grupos de alunos que buscam os cursos de Educação de Jovens e Adultos. Trata-se de uma pesquisa descritiva tendo como método de abordagem o estudo de caso. Dentre outras classificações, o estudo de caso pode ser visto como um método didático ou método de pesquisa sendo que, neste último sentido é que foi utilizado na investigação. Ele pode ser definido, segundo Yong (1960, apud Lüdke & André, 1986, p. 26): “Um conjunto de dados que descrevem um processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, uma instituição social, uma comunidade ou nação”.

A maior utilidade do estudo de caso é verificado nas pesquisas exploratórias visando a descoberta, retrata a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo.

O estudo de caso usa uma variedade de fontes de informações onde o pesquisador procura fazer observações de todas as situações possíveis, procurando coletar variedades de informações, relatando suas experiências durante o estudo, de modo que o leitor e o usuário possam fazer suas generalizações.

O estudo de caso se destaca por constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo. O interessante, portanto incide naquilo que ele tem de único, particular, mesmo que

posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos e situações. (GOOO e HATT, apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 17)

Portanto, o estudo de caso é o estudo específico que representa uma unidade dentro do sistema mais amplo. O caso é sempre delineado devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolvimento do estudo, podendo ser similar a outro, mas ao mesmo tempo distinto por um interesse próprio e singular.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada como pressuposto investigativo de minha pesquisa porque através desta poderia manter conversas informais podendo perceber assim aspectos que não estavam explícitos em suas respostas. Houve interação e troca de experiências onde fiquei bastante atenta procurando não só anotar as respostas, mas perceber os gestos e expressões dos entrevistados. A entrevista forneceu elementos preciosos a minha pesquisa havendo assim uma melhor compreensão de como adequar melhor a prática pedagógica em função de melhor atender os Jovens e Adultos que retornam aos bancos escolares.

3.1 População Alvo

Trata-se como unidade de pesquisa os alunos do Curso do EJA de uma escola localizada na zona urbana de Caçapava do Sul.

A população-alvo da investigação constitui-se dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Januária Leal, escolhidos aleatoriamente. Foi aplicada uma entrevista com 15 alunos com idade entre 18 e 50 anos.

Através da entrevista, foi conhecida a opinião dos alunos sobre a educação, auto-imagem, profissão, por que interromperam os estudos e por que voltaram.

Por que o estudo de caso? Por trabalhar acerca de 1 ano e 7 meses em curso do EJA e ter muitas inquietações e questionamentos a respeito da educação de jovens e adultos. Para conhecer as mudanças pessoais e profissionais que, segundo os alunos, foram decorrentes do curso do EJA.

Na análise dos dados optei por identificar os entrevistados através de letras maiúsculas com o intuito de manter sigilo de suas identidades, veja este exemplo: [...] eu sempre tive vergonha de voltar a estudar depois de tanto tempo e começar na quinta série de novo. Mas as minhas amigas falaram, não é feio estudar, se tu tem vontade vai em frente. E eu estou adorando a escola, sinto falta quando não tem aula. (D – 39 anos)

3.2 Caracterização da Escola

A escola em que foi realizada a pesquisa, localiza-se na zona urbana de Caçapava do Sul e foi fundada em 30 de agosto de 1965.

Em 1972 foi instalada a Classe Especial; em 1973 o Curso Supletivo (EJA); em 1981 a pré-escola; em 1983 a 6ª série e em 1986 a 7ª e 8ª séries. É uma escola do ensino fundamental e do EJA.

Possui uma matrícula geral de 956 alunos onde 298 são alunos do EJA.

A Escola Estadual Januária Leal foi a primeira a oferecer Ensino Supletivo em Caçapava do Sul, tornando-se, assim, um marco para a História da Educação de Jovens e Adultos em nosso município.

A clientela do Curso Supletivo é formada por jovens e adultos de faixa etária entre 15 e 48 anos, sendo a concentração maior de 15 a 26 anos de idade. Esses alunos não concluíram o ensino fundamental por falta de oportunidade, por necessidade de ingressar no mercado de trabalho ou ainda por dificuldades como: experiências negativas vivenciadas na escola, excesso de faltas porque trabalham para ajudar no sustento da família, gravidez na adolescência e desestrutura familiar. Cerca de 70% estudaram até a 5ª e 6ª séries.

Os alunos inscritos no Ensino Noturno exercem atividades variadas, predominando comerciários, domésticas, militares, serventes, auxiliares de escritório, mecânicos, enfermeiras e donas de casa. A remuneração varia de 1 a 3 salários mínimos.

Segundo a Direção da Escola, a expectativa dos alunos em relação ao Ensino Supletivo é muito grande, pois significa uma melhoria de vida, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho. O objetivo geral do Ensino Supletivo é proporcionar ao aluno a conclusão do Ensino Fundamental, respeitando suas características e necessidades. Para que isto aconteça a escola oferece um serviço de orientação educacional destinado à resolução de problemas na adaptação dos alunos. Mas, apesar da existência deste serviço, estima-se que cerca de 20% dos alunos abandonam os estudos por motivos variados, entre eles: turno inverso, transporte, viagem para outras cidades em busca de trabalho e mães muito jovens que não têm com quem deixar seus filhos.

Sabemos que esta realidade é muito comum nas escolas de todo o Brasil, mas, apesar disto, a escola precisa dar condições para que seus alunos, independente de faixa etária, escolaridade e condição social,

finalizem seus estudos de forma a tornarem-se parte integrante da vida social do país e da comunidade em que estão inseridos. Segundo Schaidchauer:

A escola tem por missão proporcionar a construção do conhecimento, na vivência dos valores, usando uma metodologia dinâmica e desafiadora, desenhando no educando a capacidade criadora, o senso crítico e consciente de sua função na sociedade. (1999, p. 34)

Acredito que para que esses objetivos sejam alcançados é necessário haver um trabalho em conjunto entre escola e comunidade, afim de que essas pessoas que freqüentam o ensino noturno possam ser vistas como cidadãos capazes de reconhecer e exercer seus papéis na sociedade.

Além disto, a escola deve tentar se aproximar cada vez mais da realidade de seus alunos, trazendo para dentro da sala de aula experiências do dia-a-dia de cada um; preservando suas características e vivências sociais. É necessário que a instituição busque a valorização pessoal de cada indivíduo, pois, desta forma, estará mostrando como as experiências individuais são valiosas e importantes para o crescimento de todos os envolvidos no processo de ensino.

3.3 Instrumento de Coleta de Dados

As entrevistas tiveram um roteiro planejado de forma coerente a deixar os alunos a possibilidade de seguir seus próprios rumos narrativos.

A maioria dos alunos respondeu a entrevista com muito entusiasmo, pois escreveram sobre sua vida, sua importância na sociedade, na escola e no trabalho.

3.4 Análise de Dados

O material coletado foi de extrema importância e deixou-me perplexa no momento de analisá-los. Tinha diante de mim as mais diversas histórias de vida.

E por onde começar? Pela leitura de cada entrevista. Os depoimentos exigiram releituras já no primeiro contato com os entrevistados. Vou em busca de maiores detalhes, do que dizem para mim aqueles sujeitos num tempo, num espaço. Assim, captei o essencial de cada aluno e do conjunto de seus depoimentos: valores, concepções de vida, conhecimento, conscientização, insatisfação, participação política, moral, ideológica e ética. Foi observada na maioria dos entrevistados a existência de uma grande satisfação em estudar.

“Eu voltei a estudar porque acho que é muito importante o estudo para uma pessoa. Sempre foi o meu sonho voltar a estudar. Deixei os meus filhos crescerem para depois voltar. Estou fascinada porque voltei a estudar. É uma maravilha.” (E – 42 anos)

“Eu sempre tive vergonha de voltar a estudar depois de tanto tempo e começar na quinta série de novo. Mas as minhas amigas falaram, não é feio

estudar, se tu tem vontade vai em frente. E eu estou adorando a escola, sinto falta quando não tem aula.” (D – 39 anos)

Ao serem questionados sobre: Qual o motivo que levou a parar de estudar? A maioria dos alunos respondeu que foi a necessidade de começar a trabalhar para ajudar a família não conseguindo conciliar o trabalho e o estudo. Alguns sentiram que poderiam ter avançado nos estudos e melhorado as condições profissionais se assim tivesse sido exigido pela família.

“Parei de estudar com 10 anos porque fui embora para Porto Alegre, a minha irmã por parte de pai veio me buscar para morar com ela, lá fui para a escola, mas não estudava, não gostava de lá e voltei. Agora estou grávida de sete meses e penso no futuro do meu filho, tenho que ter uma profissão para dar uma vida melhor a ele e merecer o seu respeito.” (G – 19 anos)

“Não estudei porque não tinha dinheiro para estudar, achava mais fácil trabalhar e ganhar meu dinheiro, ajudar meus irmãos mais novos, tenho oito irmãos. Para mim a escola é um lugar onde aprendemos a viver melhor, nos prepara para enfrentar o mercado de trabalho, não somos nada na vida sem o estudo.” (H – 27 anos)

“Eu engravidei com 15 anos e fiquei com vergonha de estudar assim. Agora que me arrependo que eu fui boba em não estudar.” (B – 35 anos)

Avaliando a atuação dos professores, somente três alunos têm alguma insatisfação com algum professor. Em sua maioria acham excelente a atuação dos professores. Dizem que eles os estimulam a estudar, ajudam a descobrir o seu próprio valor, seu potencial, conduzem para um trabalho criativo, para uma tomada de posição, ajudam a ver o que está acontecendo no mundo e como melhorá-lo.

“Eu só tenho dificuldade em uma matéria, mas todos os meus colegas também têm, é que o professor só conversa e não explica direito. Os meus colegas falam em pescaria, caçada, futebol e ele também fala e não dá a matéria”. (F – 25 anos)

“Fazia 25 anos que eu não estudava, tenho algumas dificuldades para escrever, por isso não gosto dos professores que ditam a matéria porque eu me atrapalho todo.” (A – 48 anos)

“Não gosto de uma disciplina porque na aula desse professor tem muita conversa, a gente perde a concentração, nem parece que são adultos, mas ele não se dá ao respeito, acha graça.” (E – 28 anos)

Analisando sua vida profissional, alguns alunos não estão satisfeitos. Acham que ganham muito pouco e trabalham bastante. Cinco dos alunos entrevistados estão desempregados.

“Eu levanto todos os dias às 5 horas para trabalhar no frigorífico. E trabalho o dia todo. Só volto à tardinha. Trabalho, mas o meu salário não

dá para nada. Se eu fosse um advogado ou médico, viveria muito bem, com muito dinheiro e daria a minha família uma vida digna.” (C – 33 anos)

“Não gosto de cozinhar, passar, lavar, limpar a casa dos outros todos os dias, obedecer ordens dadas com mau humor. O que eu gostaria é de ser secretária, mas infelizmente não estudei antes agora é que eu voltei.” (B – 18 anos)

“Eu espero que todos nós que estamos aqui estudando, lutando, possamos conseguir sucesso, passar de ano e conseguir fazer um concurso e chegar até onde cada um sonha. Sou doméstica, mas meu sonho é ser uma professora, mas me acho muito velha para isso, porque precisa estudar muitos anos, saber muitas coisas. Assim mesmo vou estudar, lutar para ver se consigo chegar lá.” (P – 28 anos)

“Gosto muito do colégio, dos colegas, dos professores, que são ótimos, só vai depender de mim estudar, ler, acreditar para chegar até a faculdade e ser uma psicóloga. Será que é sonhar demais?” (A – 24 anos)

Divagando sobre o que esperam dos novos governantes, eles responderam:

“Que eles mandem bastante verba para as escolas, remunerem melhor os professores para não haver greves.” (C – 22 anos)

“Que eles melhorem os projetos de educação e parem de prometer o que não podem cumprir, deixem de mentir.” (J – 40 anos)

Em relação a infância, muitos tiveram lembranças relativamente boas, apenas um teve dificuldade para responder porque sua infância foi muito triste, na rua, rolando sem família.

“A minha infância foi muito boa, morava para fora, não éramos ricos mas tínhamos o necessário, brincava bastante com os vizinhos, só não me interessava pelos estudos, deixei de estudar quando estava na 4ª série com 11 anos, lá nas Minas do Camaquã, porque fugia com meus amigos e ia pescar, colocando em risco minha vida pois um dia quase morri afogado, a sorte é que os guris me socorreram. Hoje penso na bobagem que fiz, enganando meus pais fingindo ir para a escola e fugindo para pescar, quem perdeu fui eu.” (I – 37 anos)

“Não tenho ótimas lembranças da minha infância. Lembro que quando minha mãe morreu eu tinha 8 anos e o meu pai deu-me para minha madrinha pois ela tinha mais seis filhos para cuidar e assim eu ajudava. Os filhos e filhas dela brigavam muito comigo. Eu tinha que ajudar em tudo, nunca podia brincar e não tinha tempo para estudar. Rodei no colégio e parei de estudar. Os meus colegas riam de mim. Hoje sou outra pessoa, mudei muito, estou bem.” (E – 32 anos)

Estas perspectivas levantadas nos apontam para a certeza de que os alunos jovens e adultos que procuram a escola não perderam a esperança,

são inicialmente motivados pela expectativa de conseguir melhores empregos ou um emprego mais seguro, digno que lhes dê um futuro melhor, gerando independência, melhoria nas condições de suas vidas pessoais, elevação da auto estima, respeito dos filhos e também uma forma de incentivá-los.

Segundo Libâneo (1994), o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano social.

Nas propostas de Freire (1999), podemos ver que o processo educativo não se caracteriza pelo recebimento, por parte dos alunos, de conhecimentos prontos, acabados, mas para a reflexão sobre conhecimentos que circulam e estão em constante transformação: professores e alunos são produtores e alunos de cultura, todos aprendem e todos ensinam, são sujeitos da educação e estão permanentemente em processo de aprendizagem. Todos os alunos pertencem a uma classe baixa de poder aquisitivo e auto-estima, precisando contribuir para completar as despesas do mês em suas casas, não possuem plano de saúde, dependentes totalmente dos Postos de Saúde da Prefeitura, por isso voltam a estudar com esperança de melhores condições.

Os alunos jovens e adultos, devido ao seu percurso de vida, experiências pessoais, interpessoais e muitas vezes profissionais apresentam perspectiva de vida, as quais a escola precisa estar preparada para realizar suas práticas educativas, transformando essas expectativas em realidade entre seus alunos, para que estes possam realizar sonhos e atuar com êxito na sociedade em que vivem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando uma sociedade democrática, o ensino noturno para jovens e adultos trabalhadores surge como alternativa para suprir as falhas do sistema educacional, que não efetivou em tempo hábil a adequada formação desses alunos.

É imprescindível apontar as falhas e desafios que são enfrentados na realidade do ensino noturno a fim de construir alternativas que contemplem a reflexão acerca da escola como espaço da efetivação da cidadania, tendo sempre a preocupação, e não deixando nunca de salientar o importante papel do professor, suas limitações vinculadas à sua qualificação e às condições de desenvolvimento do seu trabalho, que são sempre desvalorizados e impostos por uma política educacional que desmotiva o professor e desrespeita o principal elemento da educação, o aluno.

Acredita-se, pois, numa política de democratização da escola pública que tenha como um de seus objetivos o ensino de qualidade, com um professor qualificado, em contínua formação e com um salário justo, que não seja preciso trabalhar em duas ou três escolas ao mesmo tempo, desgastado pelo cansaço.

Esperamos que o PNE (Plano Nacional de Educação) aprovado em Janeiro de 2001, traga mudanças no panorama da educação no Brasil, se todos, inclusive os novos governantes, se conscientizarem da importância da educação para a formação da pessoa e para o desenvolvimento nacional.

Vê-se na educação o grande caminho para tratar a desigualdade, dando condições, pela instrumentalização do conhecimento, a que os desfavorecidos vençam algumas dificuldades e se insiram na sociedade em condições de viver a cidadania.

Ressalta-se a importância da escola constituir um espaço para refletir e discutir acerca desse assunto, revendo suas práticas e metodologias de forma a encontrar soluções para estas dificuldades e oferecer uma educação de qualidade com uma aprendizagem significativa para seus alunos.

Com este trabalho, abriu-se caminhos que poderão interferir na ação da escola, levando esta a pensar, com certa urgência, na criação de espaços em que a direção e os professores possam se reunir e aprofundar os estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos, pensando em uma proposta que contemple esta clientela, suas perspectivas e anseios. Depois da realização deste estudo, tanto nos contatos com obras teóricas como em ouvir professores e alunos, conclui-se que a educação que fazemos com os jovens e adultos não é verdadeiramente a educação que queremos ou que precisamos.

Embora os professores, na maioria, não tenham curso específico para trabalhar com jovens e adultos, desempenham suas funções com boa vontade, lutando para que seus alunos vençam todos os obstáculos e saiam no final vitoriosos com a aprovação. Mas ainda é preciso refletir e rever, especialmente, as práticas de ensino e avaliação adotadas na escola, ressaltando a importância de construir um currículo para a Educação de Jovens e Adultos, já que a escola oferece Ensino Fundamental para essa clientela. A escola precisa ser pensada como um processo e não como um produto final. Pensar o problema pedagógico implica em a escola adquirir uma grande flexibilidade, deixando de ser burocrática e administrativa, passando a ser uma escola de qualidade, pensando na estrutura física

adequada, na autonomia, no currículo, na formação pessoal, na participação da comunidade e no apoio das autoridades.

A comunidade escolar precisa criar uma proposta pedagógica que mostre a identidade da escola através de um trabalho participativo de construção e que esta atenda as perspectivas dos alunos. Alunos estes que, na grande maioria, haviam deixado de estudar há muito tempo. Hoje, de acordo com as necessidades, voltam para a sala de aula com vontade, pois sabem da importância do estudo para suas vidas revelando que grandes são suas perspectivas. Procuram a escola motivados pela expectativa de conseguir um emprego melhor, elevando a auto-estima, e buscando profissionalização, no anseio de melhores condições de vida.

Com isso, constatou-se que a proposta de conteúdos deve ser mais significativa e do interesse dos alunos, que motive-os e contribua para alcançar seus objetivos e com isso garantir a sua permanência na escola, e ainda o currículo deve estar mais próximo desta realidade e não deve ser construído somente com base em livros didáticos, que muitas vezes fragmentam o conhecimento.

Verificou-se que existe um consenso quanto à necessidade de uma metodologia adequada para a Educação de Jovens e Adultos, pois ainda há muitas incertezas em relação às metodologias aplicadas na escola, a qual está buscando encontrar soluções para as dificuldades que vem enfrentando e oferecer uma educação de qualidade, uma aprendizagem que seja significativa para responder às perspectivas de emprego para estes alunos.

Para o entendimento deste cotidiano a escola está desenvolvendo projetos que partiram do interesse e necessidade de tornar o ambiente mais receptivo ao aluno do noturno, proporcionando-lhes momentos para refletir

e vivenciar temas e modos de agir na sociedade, tendo a escola como mediadora e incentivadora.

A escola deve propiciar o conhecimento da realidade, tornando transparente a ideologia dominante, dando uma visão de perspectiva democrática, tornando o homem um cidadão, porque a educação é um ato político. A escola é um laboratório em que a sociedade produz ou reproduz o tipo de homem que lhe interessa. É oportuno salientar que o sistema educacional sofre constantemente as influências históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais. Mas o que ocorre não é um desenvolvimento estrutural da organização, porque a mesma deixa de utilizar os avanços científicos em benefício de sua comunidade.

A teoria e a prática vigente da administração da educação brasileira, seu papel e sua função, foram historicamente produzidos. Sua definição se deu em decorrência ou como uma implicação da teoria administrativa geral. Esta, por sua vez, foi produzida no interior das relações sociais mais amplas do modo capitalista de produção e, em conseqüência, produziu-se como instância legitimadora dos interesses do capital. (WITTMANN, 1987, p. 02)

O objetivo deste projeto foi sondar nos alunos suas preocupações e anseios, dando maior significado a suas presenças na escola, abrangendo os aspectos sociais e suas perspectivas profissionais.

Podemos concluir lembrando Mool (1999), quando diz:

É preciso romper com a lógica tradicional da escola, bem como enfrentar as exigências impostas pelo capitalismo para a escolaridade de jovens e adultos retomando velhas questões filosóficas acerca do tipo de homem e de sociedade

que se quer, podem apresentar-se como elemento desconstituidores e ao mesmo tempo, constituidores de novas perspectivas nesse campo. (1999, p. 24)

A escola da Educação de Jovens a Adultos deve contemplar em suas propostas e objetivos, as perspectivas de uma vida melhor, pessoal e profissional dos educandos, incorporando o conhecimento ao mundo do trabalho, à sua valorização e formação para uma vivência democrática fortalecida pela realização pessoal e profissional.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1998.

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação.** Piracicaba : Unimep, 1999.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino.** Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1975.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília : Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96.** Apresentação Esther Grossi, 2. ed. Rio de Janeiro : DP&A, 1999.

_____. **Plano Nacional da Educação. Lei nº 10.172/01.** Brasília : Centro de Documentação e Informação, Coordenação de publicações, 2001.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília : MEC/SEF, 2000.

_____. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos – Segundo Segmento de Ensino Fundamental.** vol. 1, Brasília : MEC/SEF, 2002.

CANEM, A. Avaliação diagnóstica: rumo à escola democrática. In: BRASIL. **Ensino Fundamental. Série de Estudos. Educação à Distância.** Brasília : MEC/SEE, 1999.

CUNHA, C. M. et al. Salto para o futuro: educação de jovens e adultos. In: BRASIL. **Séries de Estudos. Educação à Distância.** Brasília : MEC/SEE, 1999.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989

_____. **A educação na cidade.** 3. ed. São Paulo : Cortez, 1999.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo : Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 8. ed. São Paulo : Cortez, 1996.

LÜDKE & ANDRÉ. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa.** Coord. Loyde e Faustini. São Paulo : EPU, 1986.

MOOL, J. **Espaço pedagógico.** Passo Fundo : ed V B, 1999.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos.** 2. ed. Rio de Janeiro : Loyola, 1983.

RIO GRANDE DO SUL. **Estudo da Participação Popular.** Secretaria da Educação – Política Pública de Educação de Jovens e Adultos do RS – Cadernos Pedagógicos, EJA, 2000, v. 1.

_____. **A Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino.** Parecer CEED n° 213/94.

_____. **A Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino.** Parecer CEED n° 774/99.

_____. **A Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino.** Resolução CEED n° 250/99.

SCHAIDCHAUER, F. S. (Org.). **Resgatando a História dos 50 anos da Escola Municipal de 1° grau Duque de Caxias.** Santa Maria, RS : Medianeira, 1999.

SILVA, T. T. **Documento de identidade uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola: Uma Construção Coletiva.** Campinas : Papirus, 1995.

WITTMANN, L. C. **Administração da educação hoje: ambigüidade de sua produção histórica. Em aberto.** Brasília : INEP, 1987.

ANEXO: Entrevista

ENTREVISTA COM OS ALUNOS DO EJA.

Escola:

Nome:

Idade:

Série:

Profissão:

1. Por que resolveste voltar a estudar?
2. Quanto à atuação dos professores tu te sentes satisfeito?
3. Teu trabalho te realiza? Se tivesses oportunidade de estudar antes estarias melhor?
4. O que tu espera dos novos governantes para a educação?
5. Qual o motivo que te levou a parar de estudar?
6. Tens boas lembranças da tua infância?
7. Qual a importância da escola para você?
8. Quanto tempo você ficou fora da escola?